

## A adaptação de palavras do português para o papiamentu

### *The adaptation of words from Portuguese into Papiamentu*

Shirley Freitas \*

Manuele Bandeira \*\*

Gabriel Antunes de Araujo \*\*\*

*Universidade de São Paulo*, São Paulo, São Paulo, Brasil

**Resumo:** Este estudo investiga a nativização/adaptação de palavras do português para o papiamentu, tendo dois objetivos: (i) discutir uma etimologia portuguesa para alguns empréstimos; (ii) e tratar dos processos fonológicos e morfológicos ocorridos nos processos de adaptação. A definição da língua lexificadora deste crioulo (português ou espanhol) permanece controversa, havendo defensores de pelo menos quatro hipóteses. O *corpus* foi constituído pelo trabalho de Maduro (1953), autor que defende uma base espanhola para o papiamentu. A análise dos dados mostrou que as reflexões etimológicas de Maduro apresentavam imperfeições, e algumas etimologias foram revistas, considerando-se tanto o português como o espanhol como étimos. No caso das palavras terminadas em **-mentu**, em sua maioria, foi estabelecido um étimo português, havendo ainda casos em que a palavra foi formada no próprio papiamentu, sendo o **-mentu** um sufixo. Assim sendo, este trabalho mostra que a presença do português no papiamentu é maior do que aquela assumida por Maduro (1953). Ademais, de fato, a nativização se dá a partir dos padrões fonológicos da língua receptora.

---

\* Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação de Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, Brasil; shirleyfreitas@usp.br

\*\* Doutoranda pelo Programa de Pós-graduação de Filologia e Língua Portuguesa, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, Brasil; manuelebandeira@usp.br

\*\*\* Professor Associado do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, Brasil; g.antunes@usp.br

**Palavras-chaves:** Papiamentu. Nativização. Análise Etimológica. Português.

**Abstract:** This study investigates the adaptation/nativization of words from Portuguese into Papiamentu and aims (i) to discuss a Portuguese etymology to some loanwords; (ii) and to consider phonological and morphological processes that occurred in adaptation/nativization. The definition of Papiamentu's lexifier language (Portuguese or Spanish) remains uncertain and there are defenders of at least four hypotheses. Maduro's study (1953), which posits a Spanish base to Papiamentu, was our *corpus*. The analysis showed that Maduro's etymological considerations had shortcomings, and some etymologies were revised, considering both Portuguese and Spanish as possible etymons. Regarding the words ending in **-mentu**, in most cases a Portuguese etymon was identified; there were also cases wherein the word was formed in Papiamentu, being **-mentu** a suffix. Thus, this study argues that the presence of Portuguese in Papiamentu is greater than presumed by Maduro (1953). In addition, it shows nativization to happen on the basis of the phonological patterns of the recipient language.

**Keywords:** Papiamentu. Nativization. Etymological Analysis. Portuguese.

## 1 INTRODUÇÃO

Neste estudo, investigamos os processos de nativização/adaptação de palavras do português para o papiamentu, tendo um duplo objetivo: (i) discutir uma etimologia portuguesa para alguns empréstimos e (ii) tratar dos processos fonológicos e morfológicos ocorridos nesse processo de adaptação. Para a realização do trabalho, foram utilizadas palavras extraídas da obra de 1953 do antilhano Antonie Maduro (Maduro, 1953).

A justificativa para o trabalho repousa no fato de que, apesar de dificuldades no caso de alguns vocábulos, pode-se estabelecer, para muitas palavras, uma etimologia portuguesa. Ademais, será possível observar como ocorre a adaptação de empréstimos em papiamentu (quais os princípios que a regem), o que contribuirá para as discussões sobre os processos de nativização em geral.

Deve-se ressaltar que existe uma diferença entre empréstimo e étimo. De acordo com Paradis (1996, p. 5, tradução nossa), o empréstimo consiste em “uma palavra simples ou composta, ou uma sentença oriunda de L2, incorporada ao discurso de L1”. Já o étimo pode ser definido como “a forma equivalente da mesma palavra, imediatamente anterior numa sincronia pretérita qualquer” (Viaro,

2011, p. 99). Conscientes desta diferença, no presente artigo, não discutimos se as palavras de étimo português entraram ou não no papiamentu como empréstimos, concentrando-nos nas mudanças morfofonológicas que essas palavras sofreram ao serem incorporadas ao papiamentu. Para a análise, consideramos que os falantes de L1 (língua-alvo), ao tomarem uma palavra de L2, interpretam-na de acordo com os padrões morfofonológicos de sua língua materna. Assim, quando não há apenas elementos convergentes, o falante realiza algumas modificações (descartando, inclusive, os elementos vistos como redundantes) a fim de adequar a palavra emprestada à estrutura de sua língua (cf. Paradis, 1996), num processo chamado de *adaptação* ou *nativização*. Desse modo, considerando esse quadro, será observado se o papiamentu de fato adapta os étimos do português em consonância com as restrições e o quadro fonológico da língua ou se há uma gramática especial para dar conta destes elementos.

O artigo está organizado da seguinte forma: na **seção 2**, aparecem os aspectos gerais do papiamentu, bem como seu inventário fonológico. Em seguida, na **seção 3**, são discutidos os pressupostos metodológicos que guiaram a análise. A **seção 4**, por seu turno, é destinada à apresentação e análise dos resultados. Por fim, na **seção 5**, são apresentadas as considerações finais engendradas pela pesquisa.

## 2 PAPIAMENTU: ASPECTOS GERAIS

O papiamentu é uma língua falada nas ilhas de Aruba, Bonaire, Curaçao, Saba, Santo Eustáquio, São Martinho e também na Holanda. Ela é língua oficial de todos os lugares em que é falada (juntamente com línguas como o holandês e o inglês), sendo o Reino dos Países Baixos o único país europeu que possui uma língua crioula como língua oficial. O estatuto diferenciado do papiamentu, quando comparado às demais línguas crioulas de base portuguesa, fica claro não só pelo seu caráter de língua oficial, mas também por gozar de grande prestígio entre os falantes (cf. Birmingham, 1970; Andersen, 1977), sendo usado pelas diferentes classes sociais nas mais variadas situações comunicativas. Além disso, o papiamentu, que possui uma longa tradição escrita, também se faz presente nos meios de comunicação (jornais impressos, canais televisivos, programas de rádio) e na escolarização, havendo na sociedade curaçolense um interesse em dar às crianças uma educação, pelo menos, bilíngue (em holandês e em papiamentu).

Quanto à gênese do papiamentu, não há concordância entre os estudiosos, havendo, pelo menos, quatro hipóteses diversas. De acordo com a primeira, o papiamentu seria resultado da relexificação de um crioulo ou proto-crioulo afro-português falado por escravos trazidos da África (cf. Lenz, 1928; Martinus, 1996; entre outros). Já a segunda (cf. Goodman, 1987; Smith, 1999; entre outros)

considera o papiamentu um crioulo de base portuguesa, surgido a partir de um “dialeto” judeu-português da comunidade sefardita. A terceira hipótese advoga que o papiamentu é um crioulo de base espanhola, tendo seus elementos portugueses introduzidos mais tarde pelos judeus sefarditas (cf. Munteanu, 1996; entre outros). Por fim, a quarta hipótese, defendida por Jacobs (2012), considera que o papiamentu teria se originado a partir do crioulo falado na ilha de Santiago, situada no arquipélago de Cabo Verde, sendo mais tarde levado para Curaçao. O ponto convergente entre as hipóteses é a certeza da origem ‘ibérica’ do papiamentu<sup>1</sup>. Tal certeza se mantém ainda que atualmente haja empréstimos, sobretudo, do holandês, não só pelo fato de essa ser a língua do colonizador, mas também em virtude da constante presença de holandeses ainda hoje nas ilhas; e do inglês pelo seu papel de língua internacional.

No que tange ao quadro fonológico, o papiamentu apresenta os seguintes fonemas vocálicos: /i, y, e, ø, ε, a, ɔ, o, u/(cf. Harris, 1951, p. 2; Kouwenberg e Murray, 1994, p. 6). Além das vogais anteriores arredondadas, algumas palavras possuem o schwa ([ə]); esta vogal ocorre de forma previsível: em sílabas átonas finais terminadas em <er, el, en>, o <e> é pronunciado como um schwa. As vogais arredondadas apresentam um estatuto controverso, uma vez que, observando o quadro das vogais, é possível perceber que o traço de arredondamento é relevante apenas para a série das vogais anteriores (todas as vogais posteriores do papiamentu são obrigatoriamente arredondadas). Tal fato faz com que alguns autores desconsiderem as vogais arredondadas do quadro fonêmico, já que elas são intercambiáveis com as variantes não arredondadas (cf. Lenz, 1928; Harris, 1951; Dijkhoff, 1993; Lipski, 2008). No inventário consonantal, de acordo com Kouwenberg e Murray (1994, p. 8), o papiamentu possui os seguintes fonemas: /p, b, t, d, k, g, f, v, s, z, ʃ, ʒ, x, h, tʃ, dʒ, m, n, ɲ, l, r, w, j/.

O acento nessa língua recai na antepenúltima, na penúltima ou na última sílaba (cf. Kouwenberg e Muysken, 1995; Fundashon pa Planifikashon di Idioma, 2009), mesma situação encontrada no português e no espanhol. Como exemplos de palavras proparoxítonas, não muito comuns na língua, citam-se **íntimo**<sup>2</sup> ‘íntimo’, **katedrátiko** ‘catedrático’ (exemplos retirados de Fundashon pa Planifikashon di Idioma, 2009, p. 19). O padrão paroxítono é encontrado geralmente em palavras que terminam em vogal, como em **bibida** ‘bebida’, ou

1 Lipski (2008, p. 547) chega a defender que a influência atual do espanhol no papiamentu dificulta (ou mesmo impede) uma investigação completa sobre a fonte dos elementos portugueses na língua.

2 Todos os exemplos do papiamentu aparecem em sua forma gráfica de acordo com a grafia padrão em Curaçao (ver Fundashon pa Planifikashon di Idioma, 2009) e destacados em negrito.

em <-er, -el, -en> (em sílabas átonas finais terminadas em <r, l, n>, o <e> é pronunciado como um schwa), como **liber** ‘livre’. Já as palavras terminadas com consoantes (inclusive <r, n, l> quando não precedidos por <e> ([ə]) ou ditongos possuem acento oxítono: **kantor** ‘escritório’, **kurason** ‘coração’, **robes** ‘errado’. Existem algumas exceções na atribuição do acento. Os verbos, por exemplo, com três ou quatro sílabas são sempre oxítonos mesmo que terminem com vogal (cf. **ekiboká** ~ **ekibuká** ‘equivocar-se’, **permití** ‘permitir’). Há ainda um número considerável de exceções com palavras dissílabas, como: **doló** ‘dor’, **muhé** ‘mulher’, **piská** ‘peixe’ (exemplos retirados de Kouwenberg e Muysken, 1995, p. 208).

### 3 METODOLOGIA

Para a consecução deste trabalho, o material básico foi o *Ensayo pa Yega na un Ortografía Uniforme pa nos Papiamentu* (*Ensaio para se chegar a uma ortografia uniforme para o nosso papiamentu*) de Antonie Maduro (1953), autor que defende uma base espanhola para o papiamentu. Esta obra apresenta uma lista com 2.426 palavras pertencentes ao léxico básico do papiamentu, acompanhada de uma etimologia sugerida pelo autor. O primeiro passo foi coletar as palavras de étimo português no *Ensayo*, sempre analisando se as etimologias sugeridas por Maduro estavam realmente corretas. Essa análise foi importante, porque, em muitos casos, é difícil precisar se uma determinada palavra tem étimo exclusivamente espanhol ou português. Algumas palavras consideradas por Maduro (1953) como provenientes do espanhol podem também vir do português, já que, nas duas línguas, há uma mesma forma e um mesmo significado. É o caso, por exemplo, de **awaseru** ‘aguaceiro, chuva (forte)’ (português *aguaceiro*, espanhol *aguacero*), **kapas** ‘capaz, hábil; provável’ (português/ espanhol *capaz*).

Após a coleta das palavras de étimo português, os dados foram gravados em trabalho de campo realizado em 2011 a fim de se confirmar a realização fonética da palavra, já que a ortografia usada por Maduro, que difere da atual, nem sempre é transparente nesse sentido (cf. Pieters *et al*, 2009). Em seguida, passamos à discussão de aspectos etimológicos e à investigação dos processos morfofonológicos de adaptação/nativização com um intuito de construir um sistema de mudanças regulares.

### 4 OS ÉTIMOS DO PORTUGUÊS NO PAPIAMENTU

Os resultados obtidos a partir da análise das palavras de étimo português encontradas no *Ensayo* são de dois tipos: (i) inicialmente, aparecem alguns vocábulos que tiveram sua etimologia revista, sendo possível atribuir um étimo português,

concomitante ao espanhol; (ii) em seguida, são analisados alguns processos morfofonológicos ocorridos durante a nativização, buscando deslindar suas causas e evidenciar os fenômenos regulares. Tais resultados da análise são apresentados nas subseções seguintes.

#### 4.1 Análise etimológica

Embora reconheçamos a importância do trabalho de Maduro por compilar um número considerável de dados sobre o papiamentu e tentar estabelecer um étimo para as palavras, a análise etimológica empreendida pelo autor caribenho apresenta alguns pontos discutíveis. Em seu estudo etimológico, Maduro não considera a questão do contato linguístico (aspecto apontado por Viaro (2011) como importante no estabelecimento de étimos e reconstruções mais prováveis e científicas), buscando, muitas vezes, étimos em línguas que sequer tiveram contato com o papiamentu, como o asteca. Essa postura demonstra que Maduro não distingue os conceitos de *étimo* e *origem*, distinção importante de ser feita (cf. Viaro, 2011). Ter uma origem relacionada a uma língua A **não** significa necessariamente ter um étimo da língua A. Por exemplo, a palavra *sauna* é de origem finlandesa, contudo esse vocábulo entrou no português por intermédio da língua inglesa, e não diretamente do finlandês. Assim, pode-se afirmar que *sauna* é de origem finlandesa, mas, na língua portuguesa, tem um étimo inglês (cf. Viaro, 2011, p. 312; o exemplo foi retirado deste autor). Assim sendo, considerando a distinção entre étimo e origem, no caso de palavras cuja origem, de acordo com Maduro, está ligada a essas línguas não relacionadas ao papiamentu, como o asteca, deve-se verificar se a palavra existe em português, espanhol, galego, inglês ou holandês, pois a palavra pode ter entrado por intermédio dessas línguas. Ademais, Maduro argumenta que muitas palavras do papiamentu consideradas como de origem portuguesa podem vir do espanhol de além-mar, do espanhol do século XVI ou de outras línguas ibéricas, como o galego e o catalão. Jacobs (2012) mostra, por exemplo, que a preposição **na** (considerada por ele como sendo de étimo português), para Maduro, não viria indubitavelmente do português *na* (*em + a*), visto que tanto o espanhol antigo quanto o galego usam comumente a preposição *na*. Segundo Maurer (1998, p. 198 *apud* Jacobs, 2012, p. 30), essa atitude de considerar como fonte do léxico do papiamentu variedades espanholas de além-mar e não-standard ou outras línguas românicas, em especial o catalão e o galego, é problemática porque “es poco probable que el gallego o el catalán / valenciano hayan tenido alguna influencia en la formación del papiamentu, pues no se menciona la presencia en Curazao de catalanes, valencianos o gallegos en las fuentes históricas”. Tal postura de Maurer deve ser relativizada, uma vez que

muitos marinheiros e religiosos falantes de catalão, galego e outras línguas românicas foram uma presença constante em Curaçao. Assim, mesmo constituindo um grupo pequeno de pessoas com influência limitada, não se deve desconsiderar totalmente sua participação no papiamentu. Em suma, não há evidências para se descartar uma possível influência de outras línguas românicas (sobretudo no léxico), nem para assumir que tais línguas forneceram itens gramaticais básicos para o papiamentu.

Outro ponto da análise etimológica de Maduro a ser questionado diz respeito ao fato de ele, bem como outros estudiosos, “look too much for exact equivalents in Spanish for current Papiamentu forms. The actual form in Papiamentu needs not of necessity be the form of a word at the moment of its adoption.” (Martinus, 1996, p. 20). Tais equivalentes são buscados, sobretudo, na variedade *standard* do espanhol moderno, desconsiderando as formas dialetais do espanhol (em especial as americanas, com as quais o papiamentu esteve e ainda está em um grande contato), bem como a(s) variedade(s) de espanhol falada(s) no período em que o papiamentu deve ter se formado. Em suma, Maduro parece seguir uma perspectiva sincrônica e não diacrônica. A importância de se ter um olhar diacrônico no momento de propor etimologias mais prováveis e científicas é enfatizada por Viaro (2011). Para ele, o desconhecimento dos aspectos fonológicos e morfológicos das línguas envolvidas, bem como do significado do vocábulo no momento do empréstimo resultará certamente em etimologias falsas. Assim, é necessário que as sincronias pretéritas das diferentes línguas sejam conhecidas (não somente a norma culta, mas também outras variedades), até para que possa determinar se houve situações de contato e de influência entre tais línguas.

Além disso (e o que é mais relevante neste trabalho), Maduro considera que o papiamentu seria originário de um pidgin ou de um crioulo afro-espanhol – tendo, portanto, o espanhol como língua lexificadora –, com alguma influência africana (cf. Maduro, 1966a, 1966b, 1966c). Assim sendo, a fim de sustentar sua hipótese, em alguns casos, Maduro atribui uma procedência exclusivamente espanhola para casos em que um étimo português não pode ser descartado porque compartilha a mesma forma e o mesmo significado do étimo espanhol. Essa é a postura assumida em casos como em (1), exemplos em que, ao invés de considerar uma dupla possibilidade, como o faz para outros vocábulos, Maduro considera que a palavra viria apenas do espanhol, não havendo menção ao português. Entretanto, nestes casos, nota-se que, junto com um étimo espanhol, é possível também a procedência portuguesa, mostrando que, muitas vezes, é difícil precisar se uma determinada palavra tem étimo exclusivamente espanhol ou português (cf. Lipski, 2008, p. 547):

(1) <b><i>Espanhol ou Português</i></b>	<b><i>Papiamentu</i></b>
<i>asado</i> ESP ou <i>assado</i> PT	> <b>asá/hasá</b> <sup>3</sup>
<i>asar</i> ESP ou <i>assar</i> PT	> <b>asa/hasa</b>
<i>aguacero</i> ESP ou <i>aguaceiro</i> PT	> <b>awaseru</b>
<i>baquiano</i> ESP ou <i>baquiano</i> PT	> <b>bakianu</b>
<i>conforme</i> ESP ou PT	> <b>konfó</b>

Jacobs (2012), por seu turno, defende que alguns elementos funcionais de origem portuguesa remontam às línguas crioulas da Alta Guiné (o caboverdiano e o crioulo de Guiné-Bissau, considerados por Jacobs como a origem do papiamentu), assemelhando-se a elas do ponto de vista formal e das propriedades sintáticas e semânticas. Para este autor, “Although the majority of PA’s modern lexicon is undoubtedly derived from Spanish, a considerable portion (estimates vary from 5% to 25%) of core vocabulary items appear to be of Portuguese origin.” (Jacobs, 2012, p. 17). Jacobs (2012, p. 258) mostra uma predominância de palavras funcionais derivadas do português (comparado àquelas de étimo espanhol) no papiamentu, com tais palavras pertencendo às camadas mais conservadoras da gramática da língua<sup>4</sup>. Alguns destes itens funcionais trazidos por Jacobs (2012, p. 258) são:

- (2) **nos** ‘nós’ (português *nós*, espanhol *nosotros*)  
**mes** ‘mesmo’ (português *mesmo*, espanhol *mismo*)  
**na** ‘em’ (português *na* (*em + a*), espanhol *en + la*)  
**te** ‘até’ (português *até*, espanhol *hasta*)  
**for di** ‘fora (de); desde que, já que’ (português *fora de*, espanhol *fuera de*)  
**ken** ‘quem’ (português *quem*, espanhol *quien*)  
**unda** ‘onde’ (português *onde*, espanhol *donde*)  
**-mentu** *SUFIXO FORMADOR DE SUBSTANTIVOS* (português *-mento*, espanhol *-miento*)  
**lo** *MARCADOR DE FUTURO* (português *logo*, espanhol *luego*)

3 As palavras retiradas da obra de Maduro são grafadas de acordo com a grafia padrão atual (Fundashon pa Planifikashon di Idioma, 2009), que, em alguns casos, diverge da grafia usada por Maduro. Um exemplo disso é o uso dos grafemas <qu> e <c>, hoje substituídos por <k> ou <s> (a depender do fonema), respectivamente.

4 Sendo as palavras funcionais menos suscetíveis de serem substituídas em virtude de sua opacidade semântica, Jacobs (2012) defende que essa seria uma prova de que o papiamentu seria um crioulo de base portuguesa e não espanhola. As hipóteses sobre a origem do papiamentu e sua relação com o crioulo caboverdiano estão sendo discutidas por Freitas (em elaboração).

Com exceção de **for di** e **-mentu**, todos os vocábulos em (2) aparecem também em Maduro (1953)<sup>5</sup>, que traz 132 palavras (de um total de 1.675 vocábulos de ‘étimo ibérico’, sobretudo português, espanhol e galego) que não poderiam vir do espanhol. Dentre essas palavras de étimo seguramente português, aparecem itens tanto do léxico funcional (3a) – além daquelas trazidas em (2) – quanto do léxico geral (3b) (cf. Maduro, 1953):

- (3) a. **afó** (português *afora*, espanhol *fuera de, afuera*)  
**ainda** (português *ainda*, espanhol *todavía, aún*)  
**kalke/kualke** (português *qualquer*, espanhol *cualquier, cualquiera*)  
**nun** (português *num*, espanhol *en un*)  
**semper** (português *sempre*, espanhol *siempre*)  
**tambe** (português *também*, espanhol *también*)
- b. **barbulètè** (português *borboleta*, espanhol *mariposa*)  
**bigui** (de pechu) (português *bico (de peito)*, espanhol *pezón*)  
**bon** (português *bom*, espanhol *bueno*)  
**chumbu** (português *chumbo*, espanhol *plomo*)  
**kachó** (português *cachorro*, espanhol *perro*)  
**nobo** (português *novo*, espanhol *nuevo*)

Algumas das palavras de étimo português encontradas em Maduro (1953) – as quais o autor muitas vezes atribui não só ao português como também ao galego – chegam a ser rejeitadas por alguns falantes como termos pertencentes ao papiamentu (conforme notado em trabalho de campo). É o caso, por exemplo, de:

- (4) **fika** (português *ficar*, espanhol *quedar*)  
**koitadu/koitada** (português *coitado*, espanhol *infeliz/desgraciado*)  
**lanso** (português *lençol*, espanhol *sábana*)  
**tinzji** (português *tingir*, espanhol *teñir*)  
**zjanta** (português *jantar*, espanhol *yantar*)  
**zjeitu** (português *jeito*, espanhol *modo/manera*)  
**zjuzjum** (português *jejum*, espanhol *ayuno*)

---

5 Contudo, os étimos propostos por Maduro (1953) são um pouco diferentes dos de Jacobs (2012). Para Maduro (1953), **na** pode vir do português ou do galego *na* (contração de *em a*), bem como do espanhol antigo *na* (contração de *em la*); **nos**, **ken** e **lo** teriam étimo português ou galego; **te** e **unda** seriam provenientes apenas do galego; já **mes** teria como étimo *mesmo*, forma encontrada em espanhol antigo, português, galego e na variedade de espanhol falada na Argentina.

Contudo, as palavras em (4) devem de fato ser consideradas como do papiamentu, já que aparecem nas obras de Henriquez (1988, 1991) como características do papiamentu sefardita (variedade falada pelos judeus), que apresentaria, supostamente, mais semelhanças com o português. Alguns dos vocábulos e expressões trazidos por Henriquez, com o passar do tempo, começaram a ser usados por falantes não-judeus, sendo incorporados ao uso corrente do papiamentu; enquanto outros, especialmente os termos relacionados a bens culturais (como culinária e religião), foram caindo em desuso mesmo dentro da comunidade sefardita, permanecendo somente na fala dos mais velhos. A semelhança do papiamentu com o português também é apontada por Viaro (2011, p. 287), que afirma que o papiamentu “aparentemente, reflete alguns estágios do português brasileiro pernambucano do século XVII.”

Além disso, devem ser destacadas ainda as palavras do *corpus* terminadas com o sufixo **-mentu**. No tocante à etimologia, notou-se que grande parte dessas palavras tem um étimo português (já estando formadas ao entrar no papiamentu), como se vê em (5): (5a) traz algumas palavras cuja etimologia proposta por Maduro foi revista (ele defendia um étimo espanhol, mas consideramos que o português é mais plausível, uma vez que, caso o étimo fosse espanhol, a forma seria *\*-mientu*, não **-mentu**), ao passo que (5b) apresenta vocábulos já considerados por Maduro como tendo uma etimologia portuguesa.

<b>(5) a. Português</b>	<b>Papiamentu</b>	<b>Espanhol</b>
<i>cerramento</i>	> <b>seramentu</b>	cerramiento
<i>florescimento</i>	> <b>floresementu</b>	florecimiento
<i>lavamento</i>	> <b>labamentu</b>	lavamiento
<i>machucamento</i>	> <b>machikamentu</b>	machucamiento
<b>b. Português</b>	<b>Papiamentu</b>	<b>Espanhol</b>
<i>abrimento</i>	> <b>abrimentu</b>	apertura
<i>caimento</i>	> <b>kaimentu</b>	caimiento
<i>crescimento</i>	> <b>kresementu</b>	crecimiento
<i>oferecimento</i>	> <b>ofresimentu</b>	ofrecimiento

A defesa de um étimo português (em detrimento do espanhol) para as palavras do papiamentu com esse sufixo se apoia na afirmação de Jacobs (2012, p. 147, grifos do autor): “[...] as of the 15th century and perhaps earlier, only diphthongized *-mientu* is truly productive in Spanish. This and the above-mentioned fact that none of the Spanish-based creoles has a productive *-m(i)ento* suffix leave little ground to argue for a Spanish etymology of PA [papiamentu] *-mentu*.”

Nos casos em que a palavra não pode ter um étimo português (ou porque a forma em *-mento* não é documentada ou porque a base verbal remete ao espanhol) e considerando que o étimo não pode ser espanhol (senão a forma em papiamentu seria *\*-mientu*), advoga-se que o vocábulo é formado no próprio papiamentu, sendo o **-mentu** um morfema formador de substantivos a partir de verbos (cf. exemplos em (6)):

(6)	basha + mentu = <b>bashamentu</b>	‘esvaziamento’
	kadena + mentu = <b>kadenamentu</b>	‘encadeamento’
	kologa + mentu = <b>kologamentu</b>	‘ato de pendurar’
	konose + mentu = <b>konosementu</b>	‘conhecimento; consciência’
	kuminsa + mentu = <b>kuminsamentu</b>	‘começo’
	maha + mentu = <b>mahamentu</b>	‘espancamento’

Assim sendo, ao lado de palavras que já entraram formadas no papiamentu (não sendo o **-mentu** considerado como um sufixo), há casos em que este sufixo é de fato produtivo em papiamentu, o que já havia sido afirmado, entre outros, por Jacobs (2012) e Bandeira (2013): o **-mentu** pode se combinar tanto com bases ibéricas como com bases não ibéricas, permitindo combinações não atestadas nas línguas lexificadoras. Para Jacobs (2012), a classe dos substantivos formados a partir da adição de **-mentu** às bases verbais é potencialmente aberta. É o que se vê, por exemplo em “**dèkmentu** “cobertura”, em que a palavra **dèk**, do holandês *dec*, foi submetida ao processo de derivação através da adição do **-mentu**. Tal derivação certamente ocorreu, uma vez que não há, no holandês, uma palavra semelhante à **dèkmentu**.” (Bandeira, 2013, p. 89, grifos do autor)

Em suma, a análise dos dados presentes no *Ensayo* numa perspectiva etimológica sugere uma presença maior do português no vocabulário básico do papiamentu do que aquela admitida por Maduro. Trabalhando com as palavras de ‘étimo ibérico’ (português, espanhol, galego, catalão, entre outras) do *Ensayo*, além dos 132 casos de indubitável étimo português (equivalente a 7,9% do total de 1.675 dados), Freitas (em elaboração) encontrou, até o momento, 24 palavras (de um total de 252 vocábulos, o que corresponde a aproximadamente 9,5%) – como os exemplos em (1) – que podem também ser atribuídas ao português.

#### 4.2 Processos morfofonológicos

As subseções seguintes apresentam alguns processos morfofonológicos regulares nas palavras de étimo português retiradas do *Ensayo*. Deve-se ter em mente que os vocábulos desta seção tiveram seus étimos atribuídos após a análise das

etimologias propostas por Maduro (1953), havendo casos de discordância entre a procedência aventada pelo autor e aquela considerada aqui. Das 52 palavras retiradas do *Ensayo* que aparecem nesta seção, 29 são consideradas por Maduro (1953) como tendo apenas um étimo português, a exemplo de **tresse** (português *trazer*), **skezi** (português *esquecer*), **grawatá** (português *esgaravatar/lesgravatar*), **venenamentu** (português *envenenamento*), **porkispiña/porko di spiña** (português *porco espinho*), entre outras. Em 14 vocábulos, Maduro (1953) assume uma dupla etimologia: tanto o português quanto o galego seriam étimos possíveis. É o caso de **bisiña** (português *vizinho*, galego *viciño, veciño*), **kasamentu** (português/galego *casamento*), **gaba** (português/galego *gabar*), **basora** (português *vassoura*, galego *basoira, basoura, basoiro*), entre outros. Em 3 casos, o étimo, segundo Maduro, pode ser tanto espanhol quanto português, como em **pusibel** (português *possível*, espanhol *posible*). Para 5 palavras, Maduro (1953) atribui um étimo português, ao lado de outras línguas (ibéricas ou não). É o que se vê, por exemplo, em **árarut** (português *araruta*, inglês/holandês *arrow-root*) e **deskaí** (português/galego *descaído*, espanhol *decaído*). Em apenas 1 caso, Maduro (1953) não considera um étimo português, atribuindo uma procedência galega: **debedó** (galego antigo *debedore/debidor*). Em suma, em todos os casos, porém, estamos considerando apenas o étimo português e colocando o seu correspondente em espanhol para mostrar que não é dele que procede a forma do papiamentu.

Quanto aos processos analisados, em primeiro lugar, serão analisadas as seguintes transformações no **nível segmental**: (i) ensurdecimento de sibilante ([z] > [s]); (ii) sonorização de sibilante ([s] > [z]); (iii) o caso do [v]: [v] > [b], [v] > [f], [v] > [w] ou [v] > Ø; (iv) alçamento da vogal média ([e] > [i]). Em seguida, aparece uma adaptação ao **nível silábico** – a apócope, que pode ser de três segmentos: (i) do [r] dos infinitivos verbais (nos verbos dissílabos, acompanhado de hiperbibasmo do tipo sístole – processo no nível segmental); (ii) do <do> de adjetivos e participios derivados de verbos; (iii) da vogal final. Por fim, discute-se uma adaptação ao **nível da palavra**: a justaposição.

#### 4.2.1 Ensurdimento de sibilante: [z] > [s]

De acordo com Kouwenberg e Murray (1995), o papiamentu não possui a série das fricativas sonoras ([v], [z] e [ʒ]). Jacobs (2012) também defende que, no papiamentu, há uma rejeição às fricativas sonoras (pelo menos, na porção mais fundamental e conservadora de seu vocabulário), havendo constantemente o desvozeamento das fricativas sonoras etimológicas (/ʒ/ > /s/; /z/ > /s/; /v/ > /b/)<sup>6</sup>.

6 No caso da fricativa sonora palatal, Jacobs (2012, p. 67, grifos do autor) afirma que “[...] non-

Apesar de a gravação dos dados ter mostrado a presença de tais sons no papiamentu, com base no fato de que alguns falantes mais velhos ou que possuem uma variedade mais conservadora se recusam a utilizá-los, é possível supor que, em um estágio anterior da língua, tais fonemas não estavam presentes, sendo seu surgimento recente (talvez por influência das línguas com as quais o papiamentu está em contato ou variação em ambiente, com falantes multilíngues). Tal hipótese, que necessita de confirmação, é ilustrada pelos dados em (7), nos quais ocorre a passagem de [z] para [s] (duas delas no sufixo *-oso* – resultado de empréstimo na língua):

(7) <i>Português</i>	<i>Papiamentu</i>	<i>Espanhol</i>
<i>vi[z]inho</i>	> <b>bi[s]iña</b>	ve[s]ino
<i>ca[z]amento</i>	> <b>ka[s]amentu</b>	ca[s]amiento
<i>cru[z]amento</i>	> <b>kru[s]amentu</b>	cru[s]amiento/cru[s]e
<i>fastio[z]o/enfastio[z]o</i>	> <b>fastio[s]o</b>	fastidio[s]o
<i>teimo[z]o</i>	> <b>teimo[s]o</b>	profiado/obstinado/terco
<i>tra[z]er</i>	> <b>tre[s]e</b>	traer

#### 4.2.2 Sonorização da sibilante: [s] > [z]

Ao lado do ensurdecimento da sibilante mostrado na subseção anterior, foram encontrados casos em que ocorre o processo inverso: o [s] passa a [z] (cf. dados em (8)). Essa sonorização sugere que talvez os vocábulos sejam recentes na língua (já que o vocabulário básico e mais antigo da língua evita a presença deste fonema). No caso de **skeze/squeze** e **skezidu/squezidu**, tal suposição é reforçada pelo fato de muitos nativos do papiamentu identificarem esses termos como “novos”, preferindo os sinônimos **lubidá** e **lubidadó** (muito mais comuns; do étimo português/espanhol *olvidar*).

(8) <i>Português</i>	<i>Papiamentu</i>	<i>Espanhol</i>
<i>oi[s]a</i>	> <b>(ni) oi[z]a!</b>	oi[ɣ]a
<i>esque[s]er</i>	> <b>ske[z]i</b>	olvidar
<i>esque[s]ido</i>	> <b>ske[z]idu</b>	olvidado

---

native borrowings from Portuguese in the Sephardic Jewish religious-cultural domain have typically retained the voiced fricative /ʒ/: PA *zjanta* /ʒanta/ ‘meal’ (< Port. *jantar*); PA *zjuzjum* /ʒuʒum/ ‘fasting’ (< Port. *jejum*), etc. (cf. Henriquez 1988, 1991).”

### 4.2.3 O fonema [v]: mudanças possíveis

Como no caso do [z], existem controvérsias quanto ao estatuto fonológico do fonema [v] em papiamentu. É possível conjecturar que sua atual presença no papiamentu seja resultado da influência de outras línguas em contato que possuem tal fonema. Os próprios falantes sugerem que se trata de um desenvolvimento recente, havendo grande variação, sobretudo na fala de pessoas mais velhas, mas não se pode negar a presença do [v] (bem como de outras fricativas sonoras) no papiamentu atual. Dentre os exemplos de [v] colhidos com falantes curaçolênses, foram encontrados os seguintes casos: (i) apenas um dos fonemas é possível: **frivolidat** (\*fri[f]olidat, \*[v]rivolidat) ‘frivolidade’, **dividivi** (\*dibidibi) ‘dividivi, guatapuma (espécie de planta; *Caesalpinia coriaria*); (ii) variação entre [v] e [f]: **vêlt** ~ **fêlt** ‘campo’, **vrumun** ~ **frumun** ‘parteira’; (iii) pares mínimos: **via** ‘através de, por meio/via de’ e **fia** ‘emprestar, pegar emprestado’, **vis** ‘peixe’ (palavra holandesa usada no papiamentu de Curaçao; em papiamentu: **piská**) e **fis** ‘sujo, nojento’.

Nos dados do *Ensayo*, quando o étimo português possui o fonema [v], o papiamentu recorre a diversas estratégias no tocante à adaptação dessas palavras:

- (i) o [v] pode ser mantido (cf. (9)), o que ocorre em poucos casos, havendo inclusive exemplos em que a forma com [v] varia com outra com [f], ou com uma com [b] (cf. **movementu** ~ **mufmentu**, **vernisé** ~ **fernisé**, **vernís** ~ **fernís**, **avochi** ~ **abochi**), mostrando a flutuação existente no uso do [v]<sup>7</sup>:

(9) <i>Português</i>	<i>Papiamentu</i>	<i>Espanhol</i>
<i>en[v]enamento</i>	> [v]enamentu	en[b]enamiento
<i>mo[v]imento</i>	> mo[v]evmentu	mo[b]imiento
<i>en[v]ernizar</i>	> [v]ernisé	[b]arnizar
<i>[v]erniz</i>	> [v]ernís	[b]arniz
<i>a[v]ô/a[v]ó</i>	> a[v]ochi <sup>8</sup>	a[b]uelo/a[b]uela

7 A variação entre [b] e [v] aparece também em vocábulos que possuem um étimo português ou espanhol (já que, nas duas línguas, existem os mesmos significantes com os mesmos significados) ou apenas espanhol. É o que se vê, por exemplo, em **konvertí** ~ **konbertí** ‘converter’ (português/espanhol *converter*) e **biuda** ~ **viuda** ‘viúva’ (espanhol *viuda*). Já a variação entre [v] e [f] parece estar restrita a um número pequeno de vocábulos (ao menos, no *corpus* analisado).

8 Nesse caso, a palavra do papiamentu é formada pelo português *avô/avó* + o sufixo de diminutivo (proveniente do holandês) **-chi**.

(ii) [v] > [b] (betacismo, cf. (10)), como nas formas terminadas em **-bel**, que, em nossa análise, têm como étimo o português (e não o português e o espanhol como propõe Maduro<sup>9</sup>). Apesar de a alternância entre [v] e [b] ocorrer em português, como se vê em *vassoura* ~ *bassoura*, *vasculante* ~ *basculante*, *bravo* ~ *brabo*, ela é bem restrita, sendo a forma com [b] muitas vezes estigmatizada. Assim, para as formas do papiamentu, apenas no caso de **basora**, poder-se-ia pensar que a vacilação entre [v] e [b] ocorre já no português:

(10) <i>Português</i>	<i>Papiamentu</i>	<i>Espanhol</i>
<i>possí[v]el</i>	> <b>pusi[b]el</b>	posi[b]le
<i>repará[v]el</i>	> <b>ripara[b]el</b>	repara[b]le
<i>[v]alente</i>	> <b>[b]alente</b>	[b]aliente
<i>[v]assoura/[b]assoura</i>	> <b>[b]asora</b>	escoba
<i>de[v]edor</i>	> <b>de[b]edó</b>	deudor
<i>a[v]ô/a[v]ó</i>	> <b>a[b]ochi</b>	a[b]uelo/a[b]uela

(iii) [v] > [f] (ensurdecimento da fricativa, processo já apontado por Jacobs (2012) como comum no papiamentu (cf. (11)<sup>10</sup>):

(11) <i>Português</i>	<i>Papiamentu</i>	<i>Espanhol</i>
<i>pão-le[v]e</i>	> <b>panle[f]i</b>	biscocho
<i>en[v]ernizar</i>	> <b>[f]ernisá</b>	[b]arnizar
<i>[v]erniz</i>	> <b>[f]ernis</b>	[b]arniz
<i>mo[v]imento</i>	> <b>mu[f]mentu</b>	mo[b]imiento

(iv) [v] > [w] (vocalismo, processo não muito comum no *corpus* (foi encontrado somente um exemplo), talvez pelo fato de ele implicar uma mudança no tipo de fonema: de consoante para vogal (ou glide), como se vê em (12)):

(12) <i>Português</i>	<i>Papiamentu</i>	<i>Espanhol</i>
<i>esgara[v]atar/esgra[v]atar</i>	> <b>gra[w]atá</b>	rascar

9 Martinus (1996, p. 170) aponta a dificuldade em decidir por um étimo português ou espanhol no caso das formas terminadas em **-bel**: “In PAP [papiamentu] it is not clear whether or not in these cases it is the SPA [espanhol] suffix **-ble** that spontaneously developed do **-bel** lately or that the old Portuguese ending **-vel** reclaimed its position, perhaps under influence of Sephardic Papiamentu.”

10 Um caso interessante é o de *[f]ormiga* > **[v]ruminga**, em que ocorre o processo inverso: [f] > [v], sendo necessárias mais pesquisas para determinar porque a sonorização ocorreu e se há mais exemplos deste processo.

- (v) apagamento da sílaba que contém o [v] (cf. (13)). Tal processo também apareceu em apenas um dado do *corpus*, o que confirma que, nos processos de adaptação de empréstimos, a informação segmental tende a ser maximamente preservada (cf. Paradis, 1996), não sendo o apagamento a estratégia mais usada<sup>11</sup>.

(13) <i>Português</i> <i>le[v]antamento</i>	<i>Papiamentu</i> > <b>lantamentu</b>	<i>Espanhol</i> levantamiento
--	--	----------------------------------

#### 4.2.4 Alçamento do [e] em posição medial: [e] > [i]

Um alçamento comum no papiamentu foi o da vogal [e] em posição medial ([e] > [i]) (cf. (14)). Como no alçamento da vogal final [o] ([o] > [u], como em *temp[o]* > **temp[u]**), é possível conjecturar que tal alçamento tenha ocorrido no próprio português e a palavra já tenha entrado no papiamentu com o [i] em lugar do [e]. Em português, em posição pretônica, é comum que a vogal média [e] seja realizada como [i] mesmo nos registros cultos. Dentre os casos listados em (14), apenas o alçamento do [e] pretônico de *mexer* seria algo considerado agramatical pela maioria dos falantes do português (já se o verbo estiver conjugado na 1ª pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo, o alçamento é relativamente comum: (eu) m[e]xi > m[i]xi). Assim, nesse caso, são necessárias pesquisas mais aprofundadas para determinar em qual das duas línguas o alçamento ocorreu.

(14) <i>Português</i> <i>m[e]xer</i> <i>m[e]x[e]riqueiro</i> <i>m[e]squinho</i> <i>m[e]squinhar</i>	<i>Papiamentu</i> > <b>m[i]shi</b> > <b>m[i]sh[i]riqueira</b> > <b>m[i]squiña</b> > <b>m[i]squiña</b>	<i>Espanhol</i> tocar cotilla/chismoso m[e]zquino m[e]zquinar
---	---	---

#### 4.2.5 Apócope do [r] dos infinitivos verbais

Um processo regular na língua é a apócope do [r] final dos infinitivos verbais. Para Bandeira (2013), tal apagamento ocorre para que não seja violada a restrição do papiamentu que impede que a consoante [r] apareça em posição final de nomes formados pelo agentivo **-dó** e verbos no infinitivo. Ao que parece, essa restrição é relativamente nova na língua, uma vez que o papiamentu clássico

<sup>11</sup> A baixa frequência de apagamento segmental em papiamentu é encontrada em Bandeira (2013). Analisando a adaptação de empréstimos recentes no papiamentu, a autora encontrou este processo de forma bastante pontual e como uma estratégia para evitar que uma restrição da língua fosse violada.

parecia admitir o [r] nesses contextos (cf. Freitas, em elaboração), havendo formas como **debedor** ‘devedor’, **mester** ‘precisar; ser necessário’, hoje substituídas por **debedó** e **mesté**. No papiamentu moderno, no caso de verbos com três ou mais sílabas, após o apagamento do [r], o acento tônico permanece na última sílaba; esses verbos, portanto, são oxítonos (cf. (15)). Já nos verbos dissílabos, seguida da apócope, ocorre o deslocamento do acento tônico para uma sílaba anterior à original (hiperbibismo do tipo sístole). Isso ocorre a fim de respeitar a regra geral de atribuição do acento em papiamentu, segundo a qual as palavras terminadas em vogais são paroxítonas (cf. (16))<sup>12</sup>.

(15) Verbos com três ou mais sílabas

<i>Português</i>	<i>Papiamentu</i>	<i>Espanhol</i>
<i>desaponta[r]</i>	> <b>desapuntá</b>	decepcionar/desegañar
<i>desacostuma[r]</i>	> <b>deskustumá</b>	desacostumar
<i>desgaba[r]</i>	> <b>desgabá</b>	deprimir/desdeñar/depreciar
<i>tempera[r]</i>	> <b>temperá</b>	(a)condimentar

(16) Verbos com duas sílabas

<i>Português</i>	<i>Papiamentu</i>	<i>Espanhol</i>
<i>briga[r]</i>	> <b>'bringa</b>	bregar
<i>cai[r]</i>	> <b>'kái</b>	caer/caerse
<i>gaba[r]</i>	> <b>'gaba</b>	alabar/elogiar
<i>teima[r]</i>	> <b>'teima</b>	porfiar/insistir/obstinarse

#### 4.2.6 Apócope da terminação <do> de adjetivos e participios deverbais

Outra apócope regular é a da terminação <do> dos adjetivos e participios derivados de verbos, como se vê em (17). O fato de o papiamentu apagar essa terminação, bem como as sílabas finais de algumas palavras, leva Maduro (1991) a conjecturar um étimo catalão para estes termos, uma vez que nessa língua o <do> também é apagado (como mencionado, este autor desconsidera a questão

12 De acordo com Jacobs (2012), a análise de textos do papiamentu antigo sugere que todos os verbos da língua (e não apenas os dissílabos) eram paroxítonos, sendo mais ou menos recente (provavelmente do século XX) a mudança do padrão acentual (de paroxítono para oxítono) dos verbos com mais de duas sílabas. Martinus (1996), por seu turno, defende que originalmente os verbos dissílabos também eram oxítonos, situação encontrada nos demais crioulos de base portuguesa. Ele advoga que a mudança no acento desses verbos pode ter ocorrido por influência do holandês, já que, nessa língua, os verbos geralmente são acentuados na primeira sílaba.

do contato entre línguas em suas reflexões sobre etimologia). Tal postura deve ser vista com cuidado, já que uma etimologia espanhola ou portuguesa também não pode ser descartada. Além disso, essa apócope não é categórica, pois há os exemplos *deixado* > **deshado** e *esquecido* > **skezidu**. Analisando dados do papiamentu clássico (cf. Freitas, em elaboração), parece que o papiamentu permitia a manutenção dos sufixos de participio, algo muito marginal no papiamentu moderno. É o que se vê, por exemplo, em **malagradesido** ‘mal-agradecido’, hoje **malagradesí**. Esse apagamento da sílaba átona final <do> ocorre mesmo em palavras que não são participios, a exemplo de **boká** (< *bocado* português/espanhol) ‘bocado’, **kandal** (< *candado* espanhol) ‘cadeado’ (nesta última, houve ainda a paragoge do <l>).

(17) <i>Português</i>	<i>Papiamentu</i>	<i>Espanhol</i>
<i>cora[do]</i>	> <b>kòrá</b>	colorado
<i>deskái[do]</i>	> <b>deskái</b>	decaído
<i>murcha[do]</i>	> <b>morchá</b>	marchitado
<i>passa[do]</i>	> <b>pasá</b>	aturdido
<i>revolta[do]</i>	> <b>reboltá/rebultá</b>	revoltoso

#### 4.2.7 Apócope da vogal final

A apócope da vogal final também se mostrou um processo recorrente no papiamentu (cf. (18)). Esse apagamento só é possível porque, nessa língua, a posição de coda pode ser ocupada pelas consoantes: /p, t, k, f, s, l, r/ – sendo vetadas as obstruintes vozeadas (/b, d, g, v, z, ʒ/) e o /h/. Pode-se conjecturar como possível motivação para o apagamento da vogal final a preferência do papiamentu por palavras com poucas sílabas, em especial as dissílabas (cf. Andersen, 1977).

(18) <i>Português</i>	<i>Papiamentu</i>	<i>Espanhol</i>
<i>ararut[a]</i>	> <b>árarut</b>	arruruz
<i>baff[o]</i>	> <b>baf</b>	aliento
(ovo) <i>chóc[o]</i>	> <b>chòk</b>	podrido/empollado/incubado
<i>escarmen[t]o</i>	> <b>scrèment</b>	escarmiento

#### 4.2.8 Reinterpretação morfológica

Outro processo comum em papiamentu é a justaposição de palavras: a reinterpretação de duas ou mais palavras como uma só. É o caso, por exemplo, das palavras em (19).

(19) <i>Português</i>	<i>Papiamentu</i>	<i>Espanhol</i>
(a) <i>rir</i>	> <b>ari/hari</b>	reír
(a) <i>tarde</i>	> <b>atardi</b>	a la tarde
<i>bicha-cadela</i>	> <b>bichikandela</b>	luciérnaga
<i>peixe porco</i>	> <b>pishiporko</b>	lija de hebra (/ciliada)/chivo
<i>pode ser</i>	> <b>podisé</b>	puede ser
<i>porco espinho</i>	> <b>porkispiña</b>	puercoespín
<i>tabaco de folha</i>	> <b>tabakifoya</b>	tabaco de hoja

Nos casos de **ari/hari** e **atardi**, é possível que o fato de se ter somente uma palavra fonológica no português tenha contribuído para a reanálise. Em **tabakifoya**, **porkispiña** e **bichikandela**, ocorre aglutinação, já que tais palavras variam, respectivamente, com formas em que a preposição **di** está presente: **tabaku di foya**, **porko di spiña** e **bichi di kandela**. O apagamento da preposição **di** (seja em parte ou no seu todo, num processo de contração) nos casos em que ela liga dois elementos, formando um sintagma nominal, é apontado por Maduro (1991) como um processo comum na língua.

### 4.3 Sumário

A análise etimológica de alguns vocábulos presentes em Maduro (1953) mostra que a presença do português no papiamentu (sobretudo no seu vocabulário mais antigo e na classe de palavras funcionais) é bastante considerável. Ao entrar no papiamentu, essas palavras de étimo português passaram por algumas modificações a fim de se adaptar aos padrões morfofonológicos do papiamentu. As mudanças mais sistemáticas encontradas no *corpus* foram as seguintes:

- (i) *ensurdecimento de sibilante* ([z] > [s]), processo que ocorreria pela postura refratária do papiamentu à presença de fricativas sonoras ([v], [z] e [ʒ]). Ex.: *tra[z]er* > **tre[s]e**, *vi[z]inho* > **bi[s]iña**;
- (ii) *betacismo ou ensurdecimento do [v]* ([v] > [b] ou [v] > [f]), o que se deveria à já mencionada tendência de evitar as fricativas sonoras (é possível que, em algumas palavras, haja variação entre [v] e [b] e entre [v] e [f]). É o que se vê, por exemplo, em: *[v]alente* > **[b]alente**, *a[v]ô/a[v]ó* > **a[v]ochi** ~ **a[b]ochi**, *pão-le[v]e* > **panle[f]i**, *mo[v]imento* > **mo[v]imentu** ~ **mu[f]mentu**;
- (iii) *apócope do [r] dos infinitivos verbais*, o que, segundo Bandeira (2013), pode ser explicado por uma restrição do papiamentu em possuir a consoante [r] em posição final de verbos. No caso dos verbos com duas sílabas, além da apócope, ocorre ainda o deslocamento da sílaba tônica para a primeira sílaba da palavra, respeitando as

regras de atribuição do acento da língua. Como exemplos, citam-se: *desacostuma*[r] > **deskustumá**, *gaba*[r] > **'gaba**;

- (iv) *apócope da terminação <do> de adjetivos e participios deverbais*: *revolta*[do] > **reboltá**/**rebutá**, *murcha*[do] > **morchá**. Tal apócope é bastante sistemática e ocorreu em quase todas as palavras do *corpus*, exceto *deixa*[do] > **desha**[du] e *esquecido* > **skezi**[du].

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos dados, do ponto de vista etimológico, notou-se que, para algumas palavras, Maduro advoga um étimo espanhol quando uma etimologia portuguesa também seria possível, visto que as duas línguas possuem a mesma forma (com o mesmo significado). Isso é visto, por exemplo, em **asá/hasá** ‘assado’ (português *assado*, espanhol *asado*), **kanoa** ‘canoa’ (português/espanhol *canoa*), **konfó** ‘conforme’ (português/espanhol *conforme*), **muskitero** ‘mosquiteiro’ (português *mosquiteiro*, espanhol *mosquitero*). O fato de Maduro considerar o espanhol como a base do papiamentu, tendo o português uma pequena participação no seu léxico, pode ser apontado como uma justificativa para essa postura. Assim, as análises sugerem que o português teve uma participação na formação do vocabulário do papiamentu, com uma influência maior do que aquela admitida por Maduro.

Quanto aos processos de adaptação/nativização, pôde-se perceber que os vocábulos de étimo português sofreram alterações. Os falantes de papiamentu interpretaram as estruturas da segunda língua de acordo com o sistema da sua língua materna, adaptando formalmente as palavras dessa língua ibérica ao seu sistema. Isso confirma a afirmação de Paradis (1996) de que a adaptação de empréstimos é regida pelos padrões e restrições morfofonológicos da língua materna do falante. Assim, são comuns processos fonológicos como a substituição de [v] por [b] (betacismo) ou [f] (ensurdecimento), o ensurdecimento do [z] ([z] > [s]), a apócope do [r], entre outras. Muitas dessas transformações já haviam sido mencionadas no estudo de Andersen (1977) e mostraram-se frequentes no *corpus* analisado.

A análise etimológica de um maior número de vocábulos poderá verificar com maior profundidade a presença do português no papiamentu, o que inclusive irá contribuir para avanços nos debates acerca da origem do papiamentu e de sua língua lexicadora. Além disso, com a análise de mais palavras (mesmo com étimos que não o português), será possível observar se o papiamentu utiliza os mesmos processos de nativização ou se eles variam dependendo da língua fonte.

## REFERÊNCIAS

- Andersen RW. Nativization and Hispanization in the Papiamentu of Curaçao, N.A.: a Sociolinguistic Study of Variation [tese de doutorado]. Universidade do Texas: Texas; 1974.
- Bandeira M. 2013. A adaptação de empréstimos recentes no papiamentu moderno [dissertação de mestrado]. Universidade de São Paulo: São Paulo; 2013.
- Birmingham JC. The Papiamentu language of Curaçao [tese de doutorado]. Universidade da Virgínia: Charlottesville; 1970.
- Dijkhoff MB. Papiamentu Word Formation: a case study of complex nouns and their relation to phrases and clauses [tese de doutorado]. Universidade de Amsterdam: Amsterdam; 1993.
- Freitas S. Em elaboração. A atuação dos sefarditas e dos caboverdianos na formação do papiamentu.
- Fundashon pa planifikashon di idioma. Ortografia e Lista di Palabra Papiamentu – Buki di oro. Curaçao: Fundashon pa Planifikashon di Idioma; 2009
- Goodman M. The Portuguese Element in the American Creoles. Pidgin and Creole Languages. In: Gilbert GG, organizador. Essays in Memory of John E. Reinecke. Honolulu: University of Hawaii Press; 1987. p. 361-405.
- Harris CC. Papiamentu Phonology [tese de doutorado]. Universidade de Cornell: Ithaca; 1951.
- Henriquez M. Ta asina? O ta asana? Abla, uzu i kustumber sefardí. Curaçao: Edição do autor; 1988.
- Henriquez M. Lo ke a keda pa simia. Curaçao: Edição do autor; 1991.
- Jacobs B. Origins of a creole: the history of papiamentu and its african ties. Coleção Language contact and bilingualism. New York: Walter de Gruyter; 2012.
- Kouwenberg S, Murray E. Papiamentu. München [i.e.] Unterschleissheim; Newcastle: Lincom Europa; 1994.

Kouwenberg S, Muysken P. Papiamentu. In: Arends J, Muysken P, Smith N. Pidgins and creoles: an introduction. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company; 1995. p. 205-218.

Lenz R. El Papiamentu: la lengua criolla de Curazao. Santiago de Chile: Balcells & Cia; 1928.

Lipski JM. Spanish-Based Creoles in the Caribbean. In: Kouwenberg S, Singler JV, editores. The Handbook of Pidgin and Creole Studies. Oxford: Wiley-Blackwell; 2008. p. 543-564.

Maduro AJ. Ensayo pa Yega na un Ortografia Uniforme pa nos Papiamentu. Willemstad: Edição do autor; 1953.

Maduro AJ. Procedencia di Palabranan Papiamentu i Otro Anotacionnan I (Letter A te M). Willemstad: Edição do autor; 1966a.

Maduro AJ. Procedencia di Palabranan Papiamentu i Otro Anotacionnan II (Letter N te ZJ). Willemstad: Edição do autor; 1966b.

Maduro AJ. Vocabulario pa un Estudio Comparativo. In: Maduro AJ. Procedencia di Palabranan Papiamentu i Otro Anotacionnan II (Letter N te ZJ). Willemstad: Edição do autor; 1966c. p. 59-72.

Maduro AJ. Papiamentu indagando i ilustrando. Curaçao: Sidney M. Joubert; 1991.

Martinus F. The kiss of a slave: Papiamentu's West African conexions. Amsterdam: Universiteit van Amsterdam; 1996.

Munteanu D. El papiamentu, lengua criolla hispánica. Madrid: Gredos; 1996.

Paradis C. The inadequacy of filters and faithfulness in Loanword Adaptation. In: Durand J, Laks B. Current trends in phonology: models and methods. Salford, Manchester: European Studies Research Institute, University of Salford Publications; 1996. p. 509-534.

Pieters M et al. Ortografia di Papiamentu. Curaçao: Fundashon pa Planifikashon di Idioma (FPI); 1993.

Smith N. Pernambuco to Surinam 1654-65? The Jewish slave controversy. In: Huber M, Parkvall M. Spreading the word: the issue of difusion among Atlantic creoles. London: University of Westminster Press; 1999. p. 251-298.

Viaro ME. Etimologia. São Paulo: Editora Contexto; 2011.

Recebido em: 01/04/14

Aprovado em: 27/05/14